

**PROSÓDIA DIALETAL E ESTRUTURAS SINTÁTICAS:
RESULTADOS PRELIMINARES SOBRE A MATERIALIZAÇÃO
DO DESGARRAMENTO NOS FALARES DE JOÃO PESSOA E DE
PORTO ALEGRE**

DIALECTAL PROSODY AND SYNTACTIC STRUCTURES: PRELIMINARY
RESULTS ON THE MATERIALIZATION OF DETACHMENT
IN JOÃO PESSOA AND PORTO ALEGRE

Aline Ponciano dos Santos Silvestre | [Lattes](#) | aponcianossilvestre@letras.ufrj.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Fernando Lima da Mota | [Lattes](#) | fernandolima@letras.ufrj.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rafaela Ribeiro Mendonça | [Lattes](#) | rafaelaribeiro@letras.ufrj.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Yasmim Delfino dos Santos | [Lattes](#) | yasmimdelfinosantos@letras.ufrj.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Este artigo investiga a realização prosódica de orações adverbiais anexadas à oração matriz e de orações *desgarradas* nos falares de João Pessoa e de Porto Alegre, com base nos pressupostos da Fonologia Prosódica (Nespor e Vogel, 2007) e no modelo Autossegmental e Métrico da Fonologia Entoacional (Pierrehumbert, 1980; Ladd, 2008). O *corpus* de análise é constituído por 720 orações – 360 de cada localidade –, e foram observados o contorno melódico, a duração e a gama de variação da F0 no fim do sintagma entoacional (Ip). O estudo do fenômeno na fala de indivíduos pessoenses e portoalegrenses visa, além de descrever se o desgarramento será materializado de forma semelhante ao descrito por Silvestre (2021) para a capital fluminense, observar se traços fonéticos regionais, descritos anteriormente em estudos prosódicos sobre orações assertivas neutras (Cunha, 2000; Lira, 2009; Silva, 2011; Silvestre, 2012; Castelo, 2016), também se manifestam nas orações desgarradas de João Pessoa e de Porto Alegre ou se são neutralizados pela construção sintática específica. Os resultados revelam que o alongamento das sílabas finais é característica importante para a materialização do fenômeno

de desgarramento em todos os dialetos estudados e que há, mesmo nesta estrutura sintática específica, índices relativos à prosódia regional. Em João Pessoa, é consistentemente observado o tom H+L* no início dos IPs e a subida melódica na última sílaba pós-tônica dos enunciados. Em Porto Alegre, é frequente a fronteira bitonal Hl% no fim do Ip, com descida melódica após a sílaba tônica, característica que parece diferenciar o falar na capital gaúcha.

Palavras-chave: Orações desgarradas. Prosódia Dialetal. Entoação. Sintaxe.

Abstract: This article investigates the prosodic performance of adverbial clauses attached to the main sentence and detached clauses in the speeches of João Pessoa and Porto Alegre, based on the assumptions of Prosodic Phonology (Nespor and Vogel, 2007) and the Autosegmental and Metric model of Intonational Phonology (Pierrehumbert, 1980; Ladd, 2008). The corpus of analysis consists of 720 clauses - 360 from each location - and the melodic contour, duration and range of variation of the F0 at the end of the intonation phrase (Ip) were observed. The study of the phenomenon in the speech of informants from João Pessoa and Porto Alegre aims to observe if regional phonetic features, previously described in prosodic studies on neutral assertive sentences (Cunha, 2000; Lira, 2009; Silva, 2011; Silvestre, 2012; Castelo, 2016), also manifest themselves in the detached clauses of João Pessoa and Porto Alegre or if they are neutralized by the specific syntactic construction. The results reveals that the lengthening of the final syllables is an important characteristic for the materialization of the detachment phenomenon in all the dialects studied and that there are, even in this specific syntactic structure, features related to regional prosody. In João Pessoa, is consistently observed the H + L * tone at the beginning of the IPs and the melodic rise of the post-tonic syllable at the end of the utterances. In Porto Alegre, it's frequent the bitonal boundary Hl% at the end of the Ip, with a melodic fall after the stressed syllable, and this characteristic seems to differentiate the dialect of Porto Alegre.

Keywords: Detached clauses. Dialect Prosody. Intonation. Syntax.

Considerações Iniciais

Este artigo objetiva comparar e descrever, prosodicamente, orações adverbiais anexas à oração matriz e orações *desgarradas* no falar pessoense e no falar portoalegrense,

a fim de observar a realização do fenômeno sintático do desgarramento¹ em falares brasileiros que se caracterizam por realizações entoacionais diversas. Dessa forma, buscamos observar se traços fonéticos regionais, descritos anteriormente em estudos prosódicos de orações assertivas neutras em cidades do nordeste e do sul do país, também se manifestam em orações *desgarradas* de João Pessoa e de Porto Alegre ou se a sintaxe específica se sobreporia à característica regional de entoação.

O padrão assertivo neutro é comumente descrito como caracterizado por uma descida da Frequência Fundamental (F0) no fim do enunciado, enquanto o contorno inicial está em um nível médio. Moraes (1998), Cunha (2000), Tenani (2002), Fernandes (2007) e Moraes (2008), com base em dados de São Paulo e do Rio de Janeiro, ainda que sob diferentes óticas teóricas, propõem a mesma notação fonológica - L+H* _____ H+L*L%² -para descrever a asserção neutra no Português do Brasil (PB).

Outros estudos (Cunha,2005; Lira, 2009; Nunes, 2011; Silvestre,2012;Cardoso, 2014; Castelo, 2016) tratam da prosódia de orações assertivas neutras em outras regiões do país e são descritos padrões entoacionais diferentes do anteriormente postulado para o PB como um todo. No que se refere particularmente a João Pessoa e a Porto Alegre, localidades analisadas neste estudo, é postulado, para a capital paraibana, o contorno melódico H* ____ H + L*L% e, para a capital gaúcha, o contorno L+H* _____ H+ H*L%. Em João pessoa, o padrão entoacional difere do postulado para o PB pela configuração melódica no início da oração (apenas H*) e, em Porto Alegre, o padrão entoacional é diverso por sua configuração final (H+H*L%).

É com base nos estudos mencionados que surge, neste trabalho, o interesse em observar se características da entoação regional irão também se manifestar em orações *desgarradas*, as quais, de acordo com Silvestre (2021) necessitam, no PB, da manifestação de um contorno melódico ascendente e de alongamento das sílabas finais para serem compreendidas como uma informação completa na língua falada. Perseguindo nosso interesse, a seção 1, a seguir, trará breve revisão da literatura que trata da prosódia regional, especificamente relativa a João Pessoa e a Porto Alegre. Na seção 2, discutimos brevemente afirmações sobre o desgarramento na língua falada, para, na seção 3, explicitar o aparato teórico e metodológico seguido, revelar os resultados obtidos na seção 4 e, por fim, tecer as conclusões preliminares a que chegamos na seção 5.

¹ O fenômeno do *desgarramento* sintático foi postulado por Decat (1999, 2011) e pode ser entendido como um processo através do qual orações tradicionalmente denominadas “subordinadas” possuem autonomia informacional e sintática e podem existir sem a denominada oração “principal”.

² De acordo com os pressupostos da Fonologia Entoacional (cf. seção 3), L representa um tom baixo (do inglês, Low) e H representa um tom alto (do inglês, High). Ademais, os diacríticos * e % indicam a sílaba tônica e a fronteira de IP, respectivamente. A notação anterior ao símbolo _____ indica o contorno inicial e, após ele, o contorno final do enunciado (este também referido como melodia mínima).

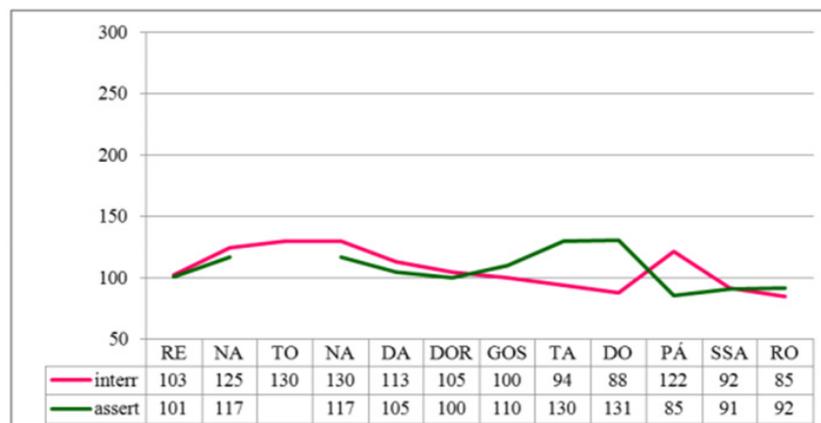
1 Asserção neutra e variedades regionais: os falares de João pessoa e Porto Alegre

Lira (2009) realiza estudo sobre entoação modal em cinco capitais do nordeste do Brasil (Recife, Fortaleza, Salvador, João Pessoa e São Luís) e afirma que

não há diferenças significativas entre as cidades pesquisadas. No padrão assertivo, a configuração característica é uma subida melódica moderada nas sílabas tônicas não finais, seguida de uma subida melódica mais acentuada na pré-tônica final e por uma descida na tônica final, permanecendo as eventuais pós-tônicas em um nível baixo. Esse padrão coincide com o padrão assertivo encontrado em outros dialetos brasileiros, como o do Rio de Janeiro (Lira, 2009, p.145).

Apesar de postular o mesmo padrão melódico para a asserção neutra, anteriormente descrito por Moraes (2008) em dados do Rio de Janeiro, há, em número considerável dos dados de quatro das cinco capitais estudadas por Lira (2009), uma ligeira subida de F0 localizada na pós-tônica final dos enunciados assertivos, fato que Silvestre (2012) considera não ter sido mais discutido pela autora por não ser contrastivo entre os falares estudados. Lira (2009) menciona apenas que, em São Luís, nota-se, nas pós-tônicas, “uma tendência a um movimento ligeiramente ascendente na asserção” (Lira, p.142), como se pode observar pelo destaque dado na linha verde na figura a seguir:

Figura 1 – Exemplo de contorno entoacional em São Luis, em que há pequena subida melódica final na asserção (verde)

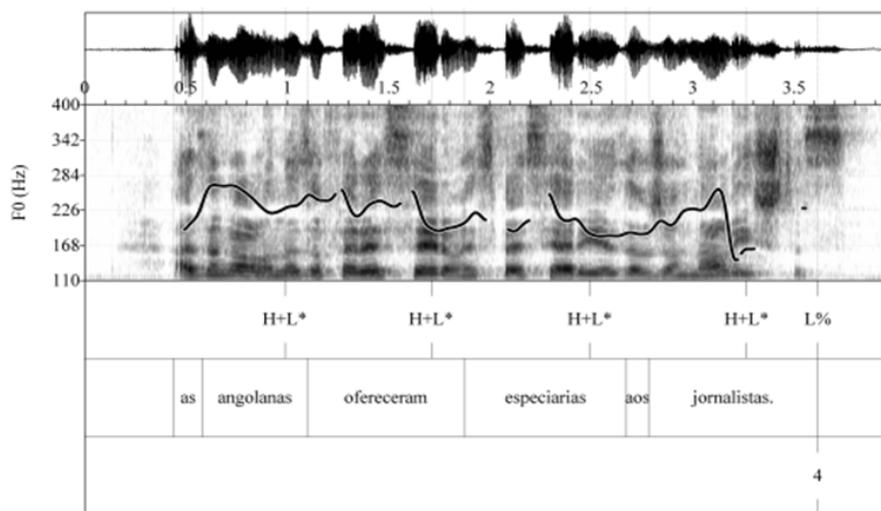


Fonte: Lira (2009).

Silvestre (2012) considera que a informação de Lira (2009) supracitada, sobre a tendência a um movimento ascendente na asserção produzida por falantes do nordeste, é um fato relevante para a comparação entre as demais regiões do país e, em seu estudo

sobre a entoação regional em 25 capitais do Brasil, e encontra também, em dados de capitais nordestinas, uma ligeira subida melódica nas últimas sílabas pós-tônicas. No que se refere especificamente a João Pessoa, a autora descreve como característica regional a presença de um tom H* no início dos enunciados, característica também observada em outras capitais nordestinas. Portanto, fonologicamente, é postulado por Silvestre (2012) que, na asserção neutra na capital paraibana, é predominante um tom alto (H*) no início dos enunciados. Tais resultados podem ser observados no Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) (Cardoso, 2014) e, mais recentemente, Castelo (2016), em estudo sobre a entoação de enunciados declarativos e interrogativos ao longo da costa atlântica brasileira, afirma que contorno prenuclear (inicial) de assertivas neutras em capitais do nordeste do país “é constituído por um movimento inicial descendente” e que “esse tipo de comportamento é característico do acento tonal H+L*” (Castelo, 2016, p. 76). Tal contorno é exemplificado na figura a seguir:

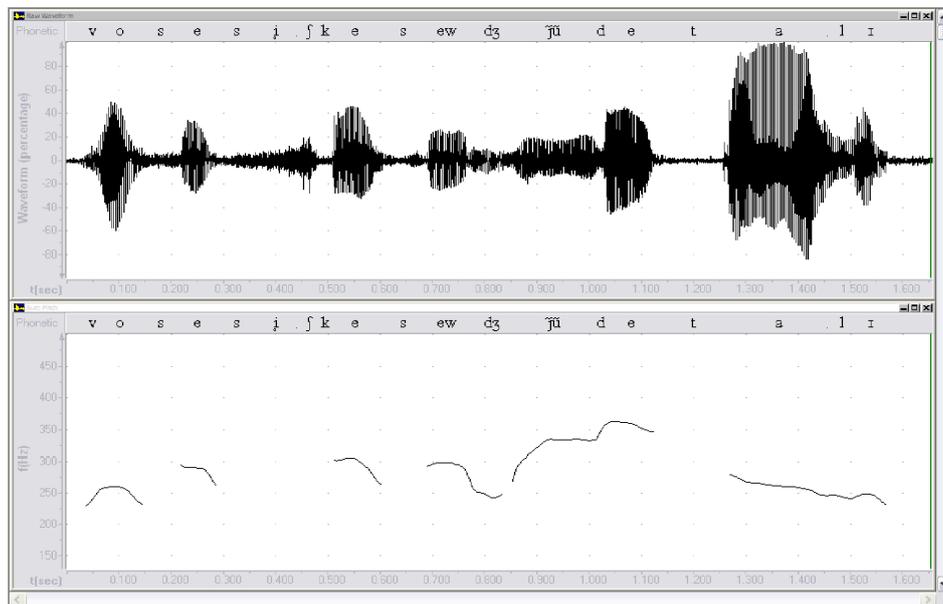
Figura 2– Consistência do tom H+L* no falar de João Pessoa



Fonte: Castelo (2016).

Em relação a Porto Alegre, o trabalho de Cunha (2005) é o primeiro a propor notação fonológica diversa para a asserção neutra nesta localidade - L*+H ____ H+H*L%. Tal notação revela o que, em tese anterior (Cunha, 2000), a autora afirma sobre o fato de que a “relação pretônica – tônica opõe, de forma geral, Porto Alegre a todas as outras cidades, pois há, na fala gaúcha, uma elevação da F0, em direção à sílaba tônica, elevação esta contrária à queda observada nas outras localidades”. A figura a seguir, do trabalho de Cunha (2005) dá amostra do padrão melódico descrito pela autora para o falar portoalegrense:

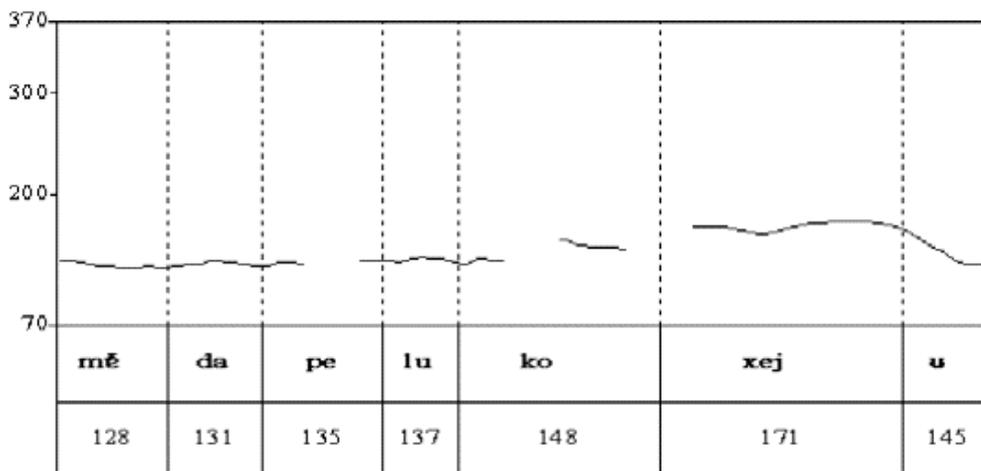
Figura 3– Contorno melódico da asserção na leitura de Porto Alegre - L + H* _____ H + H* L%



Fonte: Cunha (2005).

Silvestre (2012) também analisa dados da capital gaúcha e propõe, com base no *corpus* do Projeto ALiB, o mesmo padrão fonológico postulado por Cunha (2005), para asserção em Porto Alegre – diferentemente do que fora postulado para o PB em outros estudos – e afirma que a F0 “alcança seu pico na tônica final para, então, decrescer na última sílaba pós-tônica”, conforme exemplifica figura a seguir:

Figura 4 –Enunciado *Manda pelo correio*, produzida pelo informante jovem de Porto Alegre



Fonte: Silvestre (2012).

É partindo, portanto, de resultados de trabalhos anteriores que tratam da prosódia regional em enunciados declarativos que este estudo intenta trazer reflexões relativas à prosódia regional de orações desgarradas e discutir preliminarmente a relação entre as características regionais de entoação e a sintaxe específica do fenômeno do desgarramento. Para dar prosseguimento ao objetivo, a próxima seção traz breve revisão do que se conhece, até o momento, sobre a implementação do *desgarramento* na língua falada.

2 O *desgarramento* na língua falada

Após análise majoritária do fenômeno do *desgarramento* em textos escritos e a postulação de que a pontuação não canônica separando orações não configura erro, mas é uma estratégia de produção textual, Decat (2011) parte de seus dados analisados na escrita e considera que a “quebra no andamento da fala” é uma das características das *desgarradas* na língua oral. A autora afirma que a ocorrência posposta de uma cláusula adverbial é equivalente a um final de enunciado que, precedido por pausa, “a exemplo do que ocorre na língua escrita, em que a oração também vem depois de uma pausa marcada pelo ponto final” (Decat, 2011, p. 107), caracteriza o *desgarramento*. De acordo com Decat (2011), então, o *desgarramento* na língua falada é definido pela pausa que antecede a oração adverbial e pelo “contorno final” da cláusula. Ainda nas palavras da autora, “será considerado um caso de *desgarramento* uma estrutura que seja precedida, no português brasileiro, por uma pausa (mas não necessariamente) e que tenha um contorno entonacional de princípio e de fim de unidade” (Decat, 2011, p. 127). A seguir, as orações destacadas em negrito seriam exemplos do *desgarramento* na língua oral nos termos de Decat (2011):

1 os sindicatos são entidades portanto...que são obrigadas... a pagar o chamado imposto sobre a renda...**porque são entidades sem fins lucrativos** (Neves, 1999b apud Decat, 2011, p.106)

2 e tinha o parto...que era outro risco...**porque eu tenho uma queda de pressão::violentíssima né?**

Apesar de suas afirmações, Decat (2011) não realiza análise prosódica e é o trabalho de Silvestre (2021) o primeiro a discutir a prosódia de orações desgarradas. Com base em dados do *corpus* Roteiro de Cinema, a autora analisa a prosódia de orações comparativas desgarradas introduzidas por *que nem*, verificando o comportamento da F0 e da duração em orações adverbiais anexadas formalmente à oração matriz e em orações adverbiais desgarradas, separadas por ponto no texto escrito, a fim de proceder a uma comparação

que pudesse indicar características prosodicamente salientes do *desgarramento*. De acordo com os resultados obtidos, orações anexadas à matriz e orações *desgarradas* apresentaram o mesmo comportamento entoacional, representado pelo contorno melódico tom H L* L% no fim dos enunciados, o que, como dissemos introdutoriamente, configura o padrão mais comum da asserção neutra no Brasil (Cunha, 2000; Moraes, 2008; Silvestre, 2012; 2013). Tais resultados dão suporte à afirmação de Decat (2011) sobre o fato de as cláusulas *desgarradas* possuírem contorno “final”, mas não as diferem prosodicamente de outras estruturas.

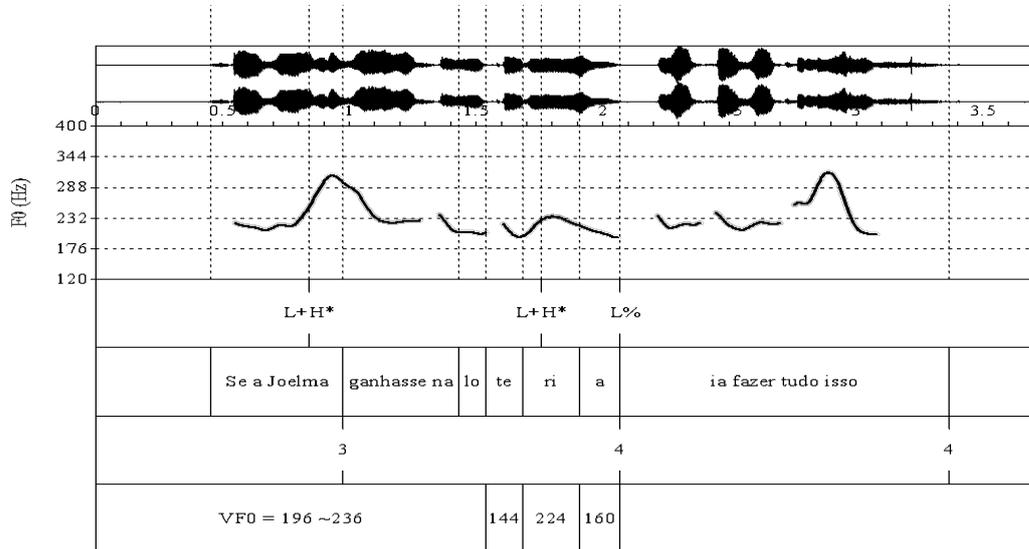
Silvestre (2021), ao discutir os exemplos de orações desgarradas na língua falada suscitados por Decat (2011), afirma que, se se considerar a pausa e o contorno final como parâmetros norteadores para a definição das orações causais, em (1) e (2) acima, como característica do *desgarramento* na língua falada, há de se considerar a completiva nominal e a relativa (sublinhadas) também como exemplos de orações *desgarradas*. Isso porque todas são antecedidas pela mesma pontuação (indicando pausa) e, de acordo com o conhecimento já obtido sobre a entoação do português brasileiro, também possuem a possibilidade de serem enunciadas com contorno final descendente. A autora afirma ainda que, de acordo com estudos sobre o fraseamento prosódico do português, “a pausa e o alongamento são estratégias recorrentes para a delimitação de constituintes prosódicos. Desse modo, falar em *desgarramento* na língua oral com base nesse tipo de dado parece inconsistente quando se leva em conta, de fato, estudos sobre a estrutura prosódica do português” (Tenani, 2002; Fernandes, 2007; Serra, 2009; Silvestre, 2012; entre outros).

Silvestre (2021), então, baseada nas Fonologias de base Prosódica e Entoacional, lança olhar para a constituição do sintagma entoacional (IP) e realiza separação entre as orações desgarradas postuladas por Decat, afirmando que aquelas que realmente acontecem sozinhas, sem a possibilidade recuperação da oração matriz no texto, podem ser chamadas de *desgarradas totais*. A análise da autora é, portanto, de orações totalmente desgarradas, em que a oração matriz não é materializada textualmente e só pode ser recuperada por inferência.

Em seu estudo, a autora analisa três pistas prosódicas: duração, contorno melódico e gama de variação de F0 no fim do Sintagma Entoacional (IP) e, de acordo com seus resultados, na variedade carioca, o desgarramento na língua falada é licenciado pela ocorrência de um contorno melódico ascendente - L+H*H% e pelo alongamento das sílabas finais do enunciado. As figuras a seguir, em que a oração “Se a Joelma ganhasse na loteria” foi enunciada de forma canônica, juntamente com a oração matriz “ia fazer tudo isso”

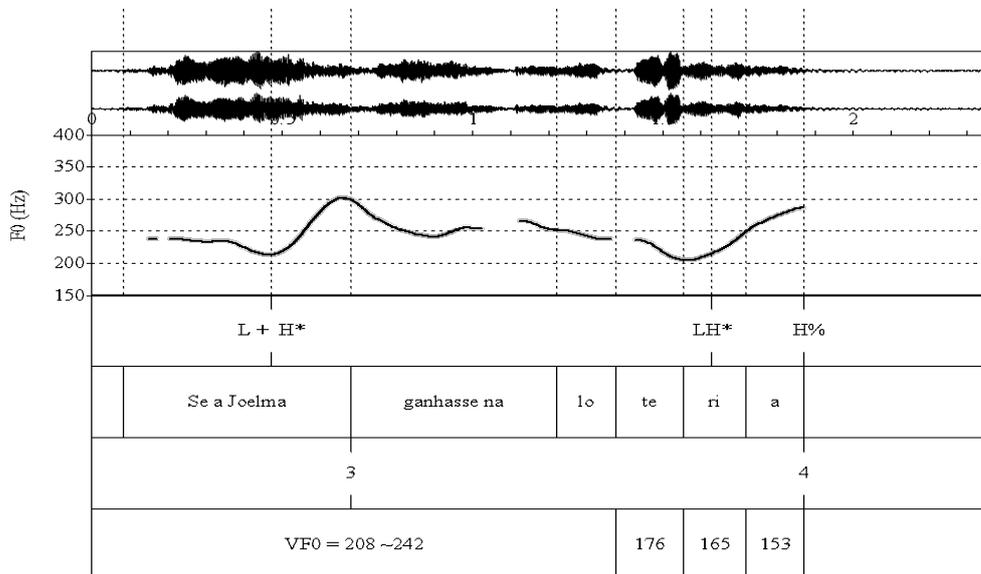
(Figura 5), e *totalmente desgarrada* (Figura 6), são exemplos das diferenças descritas por Silvestre (2021) entre as duas estruturas sintáticas.

Figura 5 – Oração *não desgarrada* “Se a Joelma ganhasse na loteria”, dita por informante do RJ



Fonte: Silvestre (2021).

Figura 6 – Oração *desgarrada* “Se a Joelma ganhasse na loteria”, dita por informante do RJ



Fonte: Silvestre (2021).

Feitas, nos parágrafos anteriores, considerações relativas à asserção neutra nas localidades-alvo neste estudo e sobre a prosódia de orações desgarradas, a próxima seção trará breve descrição do aparato teórico-metodológico que seguiremos, a fim cumprirmos os principais objetivos deste estudo preliminar: 1) descrever as propriedades prosódicas de orações *desgarradas* em João Pessoa e em Porto Alegre, comparando-as com os resultados descritos por Silvestre (2021); e 2) conferir se traços fonéticos regionais previamente descritos para as capitais paraibana e gaúcha em outros estudos prosódicos (Cunha, 2005; Silvestre, 2012; Castelo, 2016) também se manifestam em orações *desgarradas* ou se são neutralizadas pela especificidade da estrutura sintática.

3 Aparato teórico-metodológico

3.1 Fonologias Prosódica e Entoacional

Na esteira de muitos estudos já feitos para o PB (Frota e Vigário, 2000; Tenani, 2002; Fernandes, 2007; Serra, 2009; Fonseca, 2010; Frota et al., 2015; Frota e Moraes, 2016; Silvestre, 2021; entre outros), que lançam mão da visão integrada entre as fonologias de base prosódica, a análise aqui empreendida se fundamenta nos pressupostos teóricos da Fonologia Prosódica (Nespor e Vogel, 2007) para delimitar o nível analisado – o sintagma entoacional (Ip) – e nos pressupostos do Modelo Autossegmental e Métrico (Am) da Fonologia Entoacional (Pierrehumbert, 1980; Ladd, 2008) para a descrição dos contornos entoacionais.

O modelo Am pressupõe que a organização dos contornos entoacionais está relacionada à estrutura prosódica e que tais contornos são descritos como uma sequência de eventos alocados em pontos específicos na cadeia segmental, os quais podem ser constituídos por tons altos – H (High) – ou baixos – L (Low) – e formam acentos tonais e tons de fronteira. Os acentos tonais são associados à sílaba tônica, marcados com um asterisco (*), e os tons de fronteira, por sua vez, podem estar associados a fronteiras de domínios prosódicos e são indicados pelo símbolo % ao fim.

A alusão a domínios prosódicos e a fronteiras de constituintes nos conduz a postulados teóricos da Fonologia Prosódica (Nespor e Vogel, 2007), os quais assumem que a fonologia possui organização própria e que o fluxo da fala é estruturado de forma hierárquica, em constituintes prosódicos que são o domínio de aplicação de regras fonológicas. De acordo com a teoria, há sete constituintes prosódicos – pé, sílaba, grupo clítico, palavra prosódica, sintagma entoacional, sintagma fonológico e enunciado – e os dois constituintes mais altos, o sintagma entoacional (IP – *Intonational Phrase*) e o enunciado

(U – *Utterance*) são os domínios de um contorno entoacional e de significado, respectivamente. Essa informação que nos é importante, porque assumiremos como hipótese, assim como Silvestre (2021), que as orações *desgarradas* são independentes porque formam um IP e um U à parte, diferentemente do que ocorre com as orações adverbiais formalmente anexadas à matriz, que são um Ip, mas não um U.

Portanto, assumimos os pressupostos da Fonologia Prosódica na consideração de que todas as orações analisadas correspondem a um IP e, observando para este domínio, descreveremos os contornos entoacionais de acordo com os postulados da Fonologia Entoacional.

3.2 Corpus e metodologia

Assim como em Silvestre (2021), que analisou dados do dialeto carioca, o *corpus* deste estudo foi montado, a fim de que fosse realizada uma análise comparativa entre orações adverbiais anexadas formalmente à matriz (canônicas) e orações adverbiais *desgarradas*.

O *corpus*, como um todo, foi composto de 30 orações adverbiais bases: 15 que fazem parte de estruturas complexas – com orações adverbiais anexadas à oração matriz e outras 15, correspondentes, *desgarradas*. A leitura de cada oração foi feita três vezes por duas informantes de cada localidade, a fim de confirmar a regularidade das características prosódicas apresentadas na fala dos indivíduos.

Uma vez que a recolha de dados dos falares aqui estudados se deu a partir de 2020, em épocas de pandemia, as gravações foram feitas remotamente e cada informante utilizou os microfones de seu computador ou celular. Sabemos que o não controle destas ferramentas não é o ideal em termos de análise acústica, mas era o que se podia realizar para dar continuidade à pesquisa³ e, assim, solicitamos às informantes que as gravações fossem feitas em ambiente o mais silencioso possível.

As informantes, então, receberam slides com o comando do que deveria ser realizado, nos quais eram apresentados contextos representativos de situações, em que tanto orações adverbiais anexadas à matriz quanto orações *desgarradas* poderiam ocorrer. Com este material, em que as orações foram apresentadas aleatoriamente, foi solicitado que, após a leitura silenciosa dos contextos, somente as orações-alvo (em negrito) fossem lidas para a gravação, conforme se exemplifica a seguir:

³ Os aparelhos ideais – microfone e gravador profissionais – estavam no laboratório da Universidade e, à época, não puderam ser acessados.

[Contexto: Sua irmã, a Joelma, tem mania de querer tudo. Vive sonhando em comprar muitos presentes, viajar pelo mundo inteiro. Lembrando disso, na companhia de uma amiga que vai jogar na loteria, você comenta:]

Se a Joelma ganhasse na loteria, ia fazer tudo isso.

[Contexto: Sua irmã, a Joelma, tem mania de querer tudo. Vive sonhando em comprar muitos presentes, viajar pelo mundo inteiro. Lembrando disso, na companhia de uma amiga que vai jogar na loteria, você comenta:]

Se a Joelma ganhasse na loteria...

A seguir, descrevemos as outras orações adverbiais analisadas, elucidadas por diferentes contextos:

[Se o Ricardo desejasse]IP

[Se o Diogo conseguisse]IP

[Quando o Fábio me chamasse]IP

[Quando a Ana apontasse] IP

[Quando a Carla imagina]IP

[Já que o Lázaro desejava]IP

[Já que o Leandro o procura]IP

[Já que a Marina gostaria]IP

[Pra aprovar os alunos]IP

[Pra conquistar a garota]IP

[Pra enviar os pedidos]IP

[Embora a Vera suplicasse]IP

[Embora a Lúcia o tentasse]IP

[Embora a Carmen a quisesse]IP

[Se a Joelma ganhasse]IP

[Se o Ricardo desejasse o emprego]IP

[Se o Diogo conseguisse o trabalho]IP

[Quando o Fábio chamasse ao escritório]IP

[Quando a Ana apontasse a janela]IP

[Quando a Carla imagina as tragédias]IP

[Já que Lázaro desejava o perigo]IP

[Já que Leandro procura o empregado]IP

Ao todo, esta pesquisa contou com 720 orações adverbiais – 360 de João Pessoa e 360 de Porto Alegre, divididas equitativamente em relação ao tipo sintático: 180 orações adverbiais canônicas, anexadas à matriz, e 180 orações desgarradas. O *corpus* foi analisado no programa PRAAT (Boersma e Weenick, 2015), através do qual foram observados três parâmetros prosódicos nas orações: contorno melódico, duração e gama de variação da F0 no final do sintagma entoacional (Ip) e, além disso, realizamos também a observação dos tons predominantes no início do Ip, a fim de observarmos se há diferenças regionais neste ponto do sintagma. Após a análise, os dados foram traduzidos em tabelas e em gráficos, com o auxílio do programa Excel, para que fosse possível uma melhor observação dos resultados.

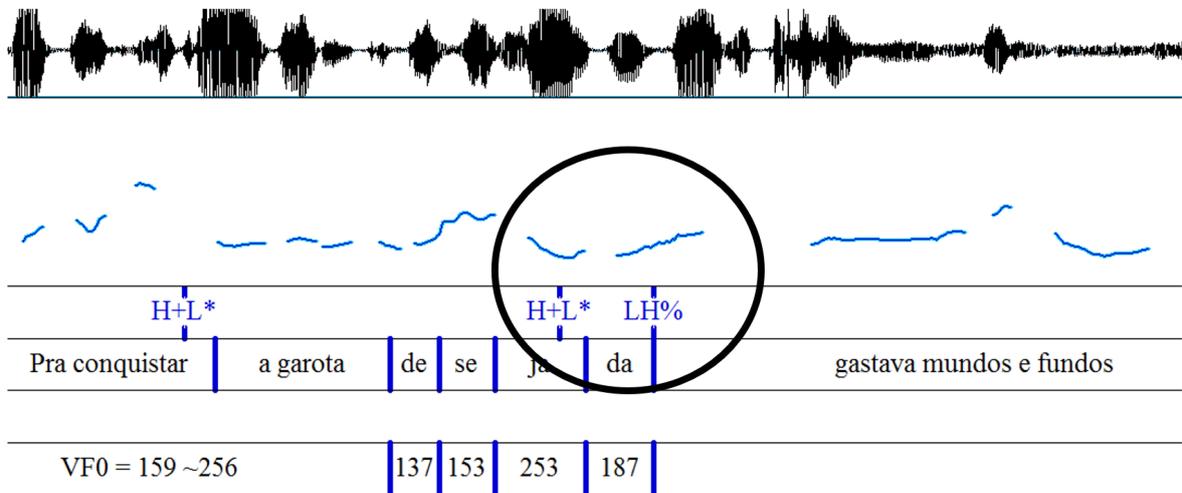
4 Resultados

4.1 Contornos melódicos em orações adverbiais anexadas à matriz e em orações desgarradas

A análise do contorno melódico no fim do IP revelou que, em João Pessoa, os resultados diferem do que Silvestre (2021) descreve para o Rio de Janeiro. Nos dados cariocas, há clara divergência entoacional quanto à estrutura sintática, de modo que as orações anexadas à matriz apresentam contornos melódicos com fronteira predominantemente baixa na melodia mínima (L+H*L% e H+L*L%) e orações desgarradas majoritariamente apresentam o contorno LH*H%, com fronteira alta.

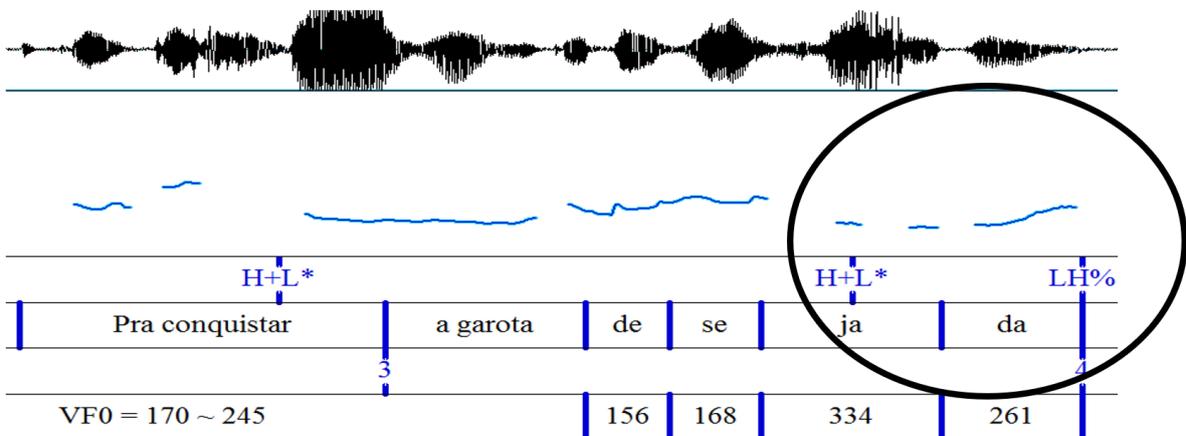
Nos dados pessoenses, por sua vez, as realizações assim se configuram: é predominante, em João Pessoa, o mesmo contorno melódico final – H+L*LH% – em orações anexadas à matriz e em orações desgarradas, contorno esse que sintetiza, pela fronteira bitonal (LH%), a ligeira subida final, descrita em Lira (2009), como característica do falar pessoense e descrita por Silvestre (2012) para falares de outras capitais do nordeste do país. A presença majoritária do mesmo contorno melódico no fim de orações anexadas à matriz e de orações desgarradas em João Pessoa, contorno esse exemplificado pelas Figuras 7 e 8, a seguir, vai interessantemente ao encontro do que Silvestre (2021) encontrou para a variedade lisboeta.

Figura 7– Oração adverbial “Pra conquistar a garota” enunciada junto à oração matriz por informante de João Pessoa



Fonte: elaboração própria (2019).

Figura 8– Oração adverbial desgarrada “Pra conquistar a garota”, enunciada por informante de João Pessoa

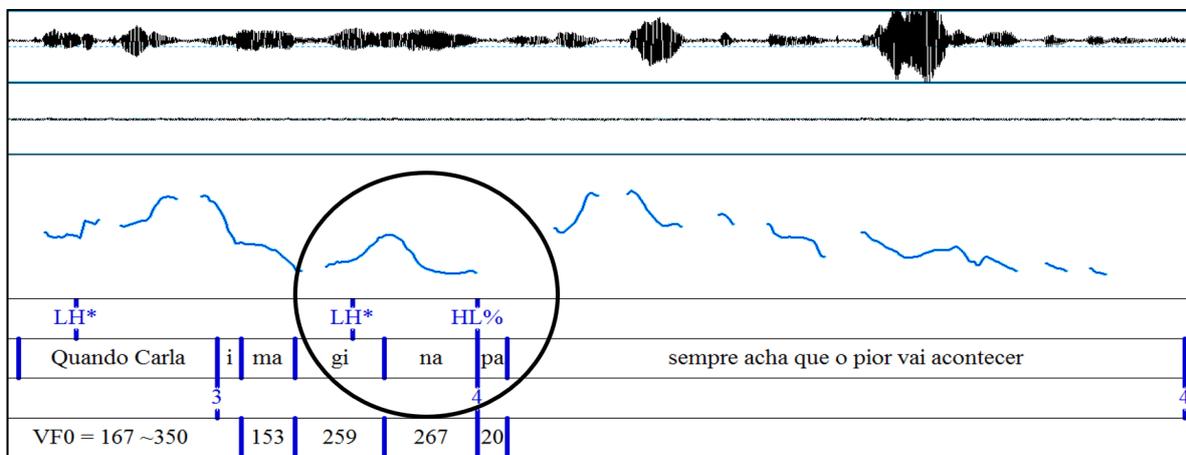


Fonte: elaboração própria (2019).

Em Porto Alegre, assim como no Rio de Janeiro, foram majoritariamente observados contornos melódicos diferentes no fim do IP de orações anexadas à matriz e de orações *desgarradas*. Entretanto, Silvestre (2021) descreve o contorno L+H*L% (com fronteira baixa) como mais produtivo de orações anexadas à matriz nos dados do Rio de Janeiro, ao passo que, para Porto Alegre, o que mais observamos foi o contorno melódico

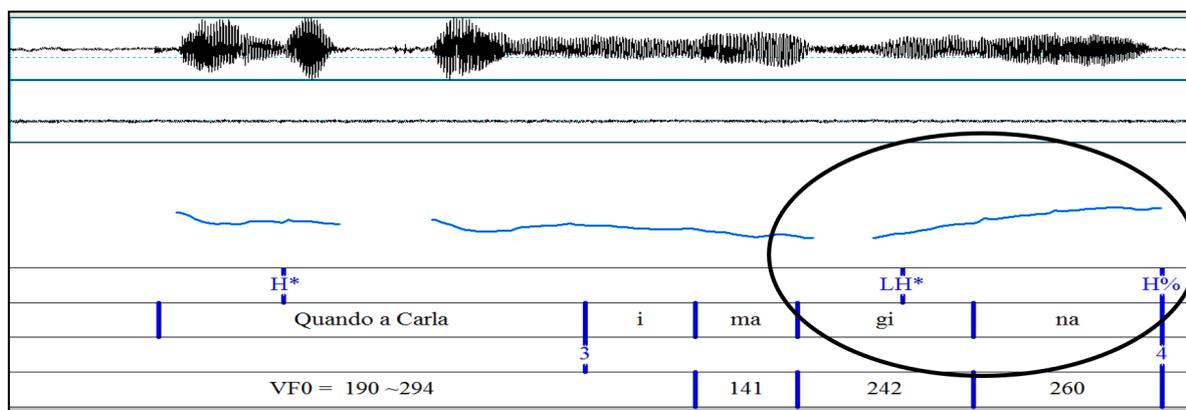
LH*HL%, com tom de fronteira bitonal (HL%), tom esse também existente em dados das orações *desgarradas* e que pode ser postulado como característica regional, mostrando que, ainda que com notação diferente da proposta por Cunha (2005) e Silvestre (2012), a descida melódica da asserção na capital gaúcha se concentra, de fato, na última sílaba pós-tônica do enunciado. Nas orações *desgarradas* portoalegrenses, é predominante o mesmo contorno melódico final descrito para o Rio de Janeiro – LH*H% – (cf. Silvestre, 2021) e as Figuras 9 e 10, a seguir, exemplificam os achados predominantes na capital gaúcha:

Figura 9–Oração adverbial “Quando Carla imagina” enunciada junto à oração matriz por informante de Porto Alegre



Fonte: elaboração própria (2020).

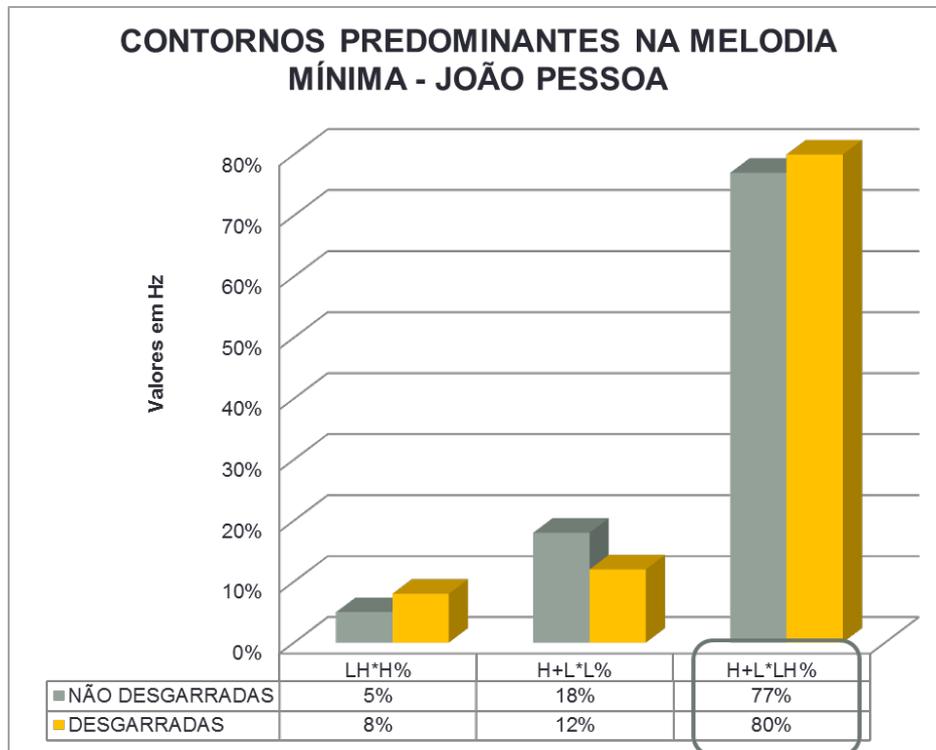
Figura 10– Oração adverbial desgarrada “Quando Carla imagina” enunciada por informante de Porto Alegre.



Fonte: elaboração própria (2020).

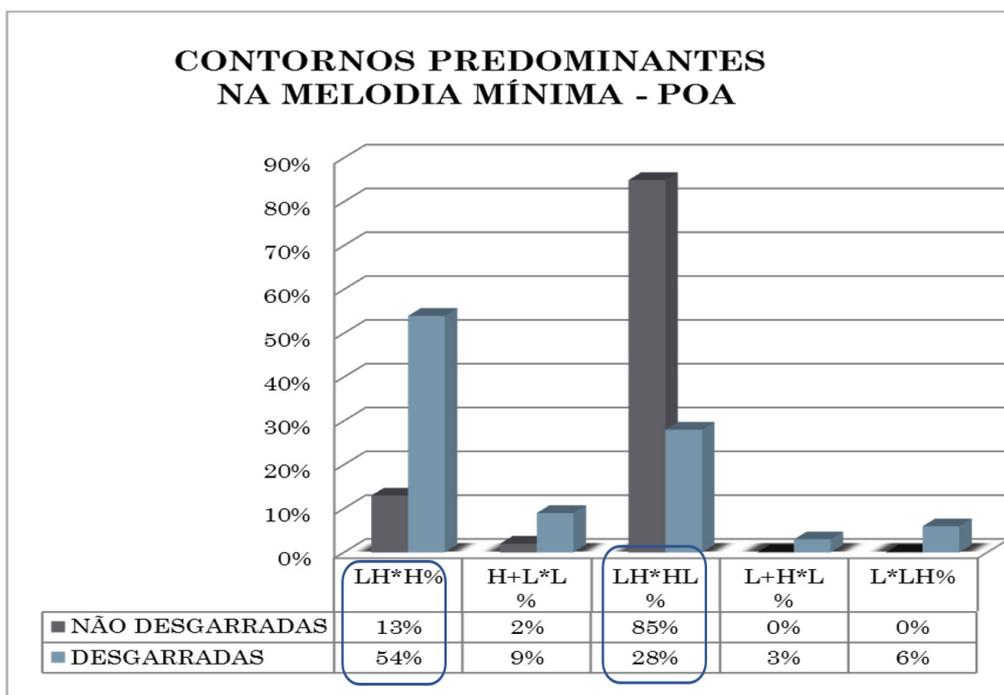
Nos Gráficos 1 e 2, a seguir, sintetizamos o percentual dos contornos melódicos dos observados no fim das orações em João Pessoa e em Porto Alegre:

Gráfico 1 – Entoação predominante no fim do IP em João Pessoa



Fonte: elaboração própria (2021).

Gráfico 2 – Entoação predominante no fim do IP em Porto Alegre



Fonte: elaboração própria(2021).

No que concerne à entoação no início das orações, não houve observação de diferenças que caracterizem o fenômeno em estudo, uma vez que os mesmos contornos são encontrados em orações anexadas à matriz e em orações desgarradas de João Pessoa e de Porto Alegre. Entretanto, é possível reiterar, através desta observação, característica regional do falar de João Pessoa que o difere dos falares analisados mais ao sul do país: no dialeto carioca e no portoalegrense (cf. Figuras 9 e 10), há a predominância dos contornos inicialmente baixos, bitonais (L+H*) ou monotonais (L*). No dialeto pessoense, por sua vez, predominam contornos de ataque alto (H+L*, majoritariamente), o que vai ao encontro do observado por Cunha (2005) para outras capitais do Nordeste e por Silvestre (2012) e Castelo (2016) para João Pessoa (cf. Figuras 7 e 8).

4.2 Duração das sílabas finais

A partir da análise dos dados, é possível afirmar que a duração das sílabas finais parece, de fato, assim como Silvestre (2021?) encontrou para os dados cariocas, ser um fator prosódico importante na caracterização do fenômeno do desgarramento. Tanto em João Pessoa quanto em Porto Alegre, a sílaba pós-tônica de orações anexadas à matriz é, em média, menor do que a tônica, como esperado em asserções neutras. Nas orações desgarradas, porém, a duração da última sílaba do enunciado é, em média, maior do que a duração da sílaba tônica, conforme exemplificam as Tabelas de 1 a 4 e os gráficos 3 e 4, a seguir:

Tabela 1 – Duração das sílabas no fim das orações adverbiais anexadas à matriz de João Pessoa

Duração Média Das Sílabas Da Melodia Mínima – Orações Anexadas À Matriz – João Pessoa			
	Pretônica	Tônica	Postônica
Inf.1	14	22	18,3
Inf.2	16,5	22,5	16
Média	15,2	22,2	17,1

Fonte: elaboração própria(2021).

Tabela 2– Duração das sílabas no fim das orações adverbiais desgarradas de João Pessoa

Duração Média Das Sílabas Da Melodia Mínima – Orações Desgarradas – João Pessoa			
	Pretônica	Tônica	Postônica
Inf.1	17,3	25,3	31,6
Inf.2	15,5	22	24,5
Média	16,4	23,6	28

Fonte: elaboração própria (2021).

Tabela 3 – Duração das sílabas no fim das orações adverbiais anexadas à matriz de Porto Alegre

Duração Média Das Sílabas Da Melodia Mínima – Orações Anexadas À Matriz – Porto Alegre			
	Pretônica	Tônica	Postônica
Inf.1	18	23	23
Inf.2	19	23	22
Média	18,5	23	22

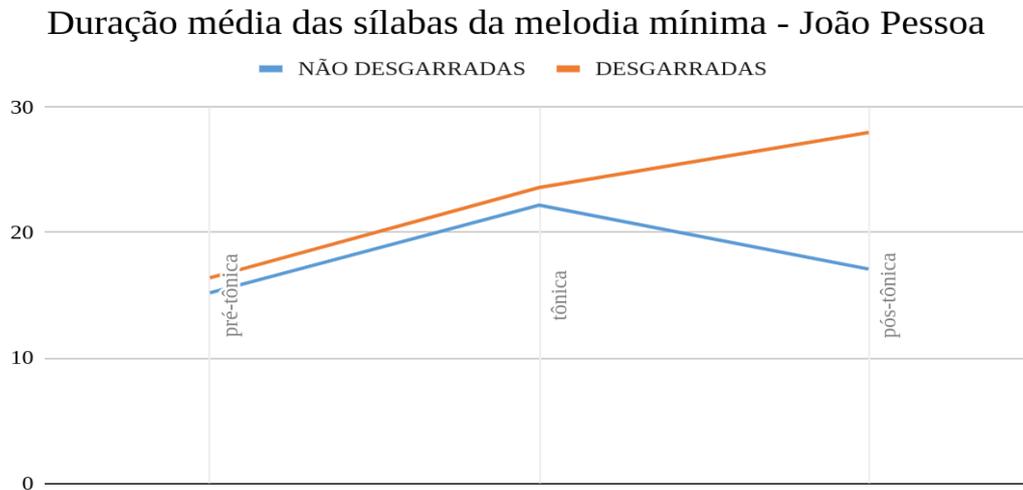
Fonte: elaboração própria (2021).

Tabela 4–Duração das sílabas no fim das orações adverbiais desgarradas de Porto Alegre

Duração Média Das Sílabas Da Melodia Mínima – Orações Desgarradas – Porto Alegre			
	Pretônica	Tônica	Postônica
Inf.1	18	28	31
Inf.2	15	24	25
Média	16,5	26	28

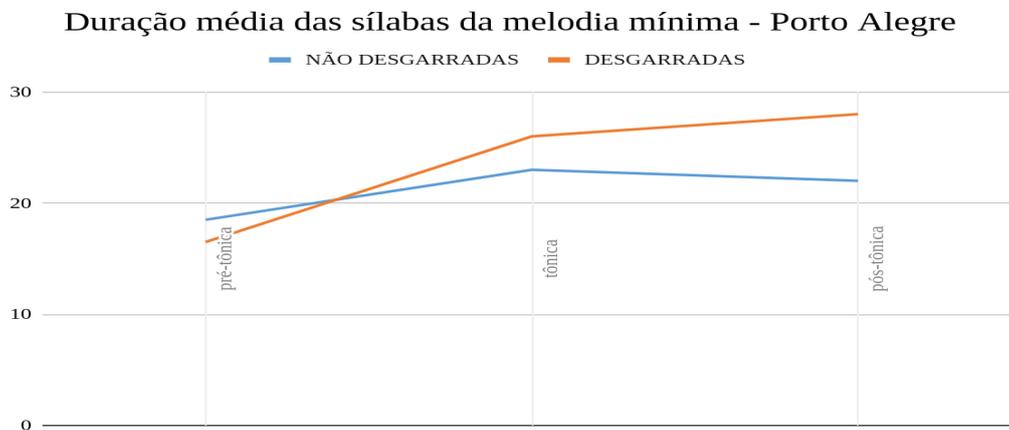
Fonte: elaboração própria (2021).

Gráfico 3– Duração das sílabas no fim do IP de orações adverbiais anexadas à matriz e de orações desgarradas em João Pessoa



Fonte: elaboração própria(2021).

Gráfico 4– Duração das sílabas no fim do IP de orações adverbiais anexadas à matriz e de orações desgarradas em Porto Alegre



Fonte: elaboração própria(2021).

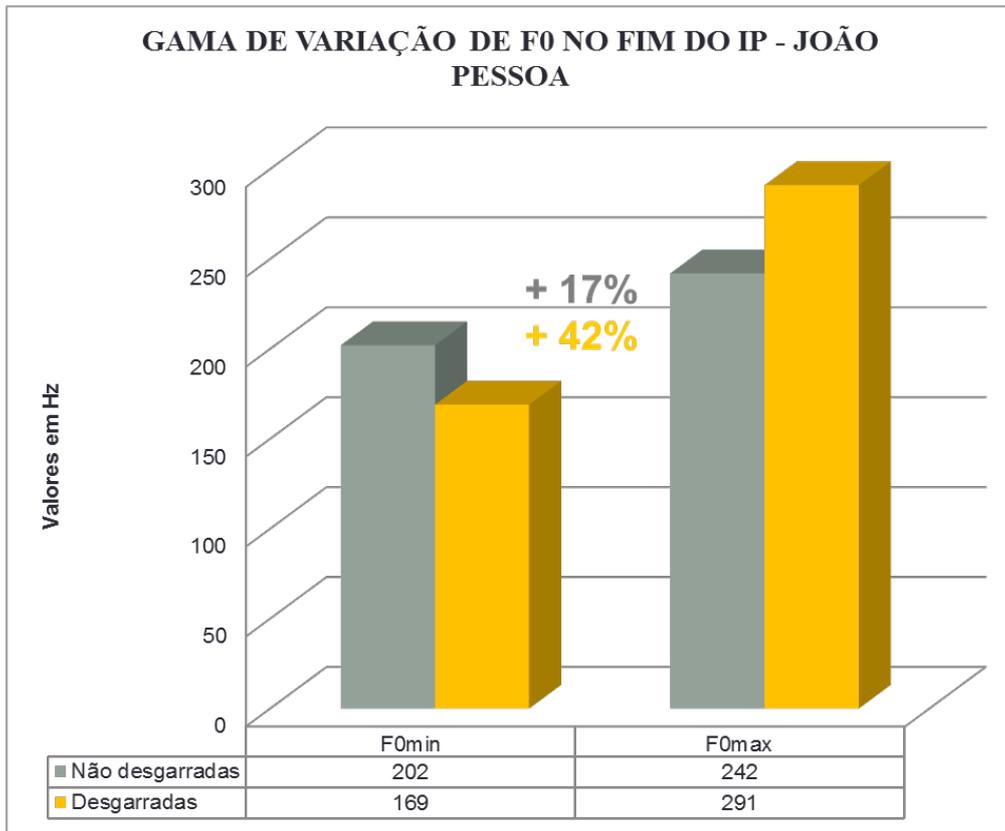
Ressaltamos que os dados aqui são preliminares, uma vez que, por ora, temos resultados relativos à fala de apenas duas informantes de cada localidade, porém a duração da sílaba pós-tônica final (em média, 22% maior em orações desgarradas de João Pessoa e 7% maior em orações desgarradas de Porto Alegre) indica que este parâmetro prosó-

dico, apontado por Silvestre (2021) como principal caracterizador do desgarramento na fala de cinco informantes caricocas e de cinco informantes lisboetas, é importante para a materialização do fenômeno em estudo. É interessante ainda notar que a diferença de duração entre orações anexadas à matriz e orações desgarradas em Porto Alegre, em que as informantes se utilizam de diferentes contornos melódicos na produção dos diferentes padrões sintáticos, é consideravelmente menor do que a registrada em João Pessoa, em que o mesmo padrão melódico é registrado na produção das duas estruturas sintáticas em análise, o que nos leva à necessidade de estudos futuros em que se possam, provavelmente, hierarquizar as estratégias prosódicas utilizadas para a realização do fenômeno sintático do desgarramento, levando em conta à localidade a que o falante pertence.

4.3 Gama de variação da F0

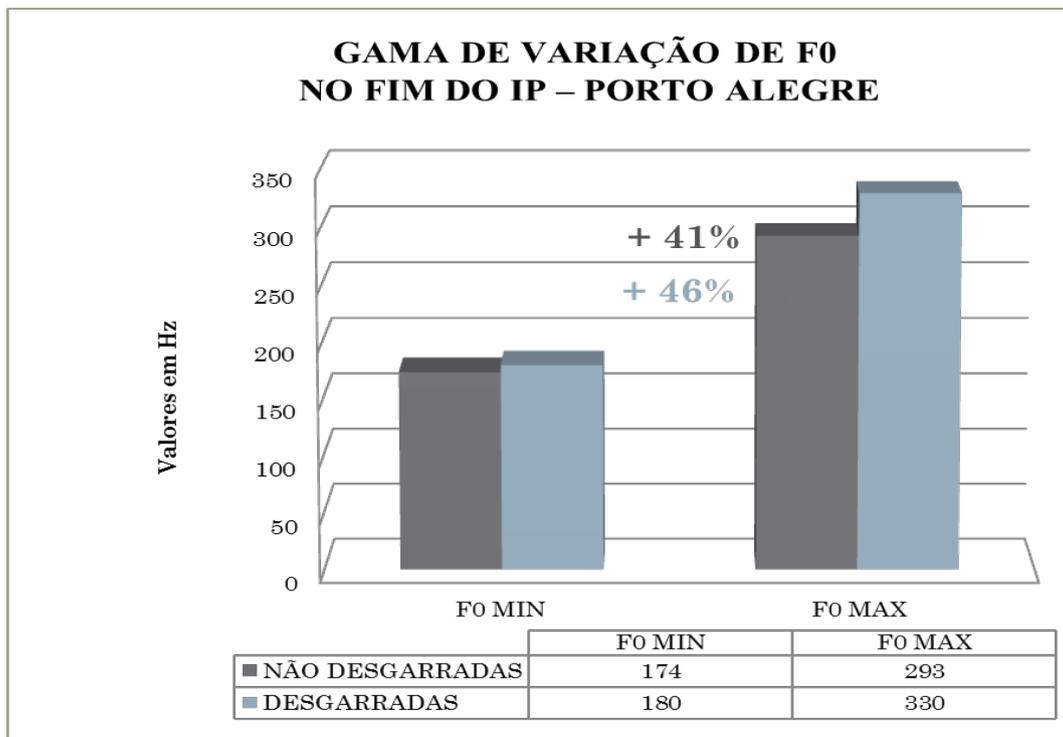
No que tange à gama de variação da F0, Silvestre (2021) parte da hipótese de que poderia haver variação maior em dados de desgarramento, uma vez que eles são, necessariamente, procedidos de pausa e que, de acordo com Barros (2014), nas fronteiras em que a concentração de pausas é maior, é também maior a gama de variação de F0. Os resultados da autora, entretanto, não mostram diferença relevante entre desgarradas e não desgarradas para o dialeto carioca e o mesmo pode ser observado nos dados portoalegrenses estudados até momento. Em João Pessoa, porém, a gama de variação da F0 das desgarradas apresentou uma porcentagem consideravelmente maior do que a das não desgarradas, o que pode ser um indicativo da materialização do fenômeno nesta variedade do português que, inclusive, não diferenciou as estruturas sintáticas pelo contorno melódico (cf.4.1). Reiteramos, porém, que tal afirmação é bastante preliminar, sendo necessária uma análise de um número maior de dados, de diferentes informantes, referenciados por análise estatística acurada. Os Gráficos 5 e 6, a seguir, sintetizam os resultados encontrados até o momento:

Gráfico 5– Gama de Variação de F0 no fim do IP de orações anexadas à matriz de orações desgarradas de João Pessoa



Fonte: elaboração própria (2021)

Gráfico 6 – Gama de Variação de F0 no fim do IP de orações anexadas à matriz de orações desgarradas de Porto Alegre



Fonte: elaboração própria(2021).

Não podemos, ainda, tecer afirmações mais contundentes sobre a importância deste parâmetro para a diferenciação regional. OS resultados iniciais, porém, sugerem que a maior gama de variação pode caracterizar o falar pessoense.

5 Conclusões

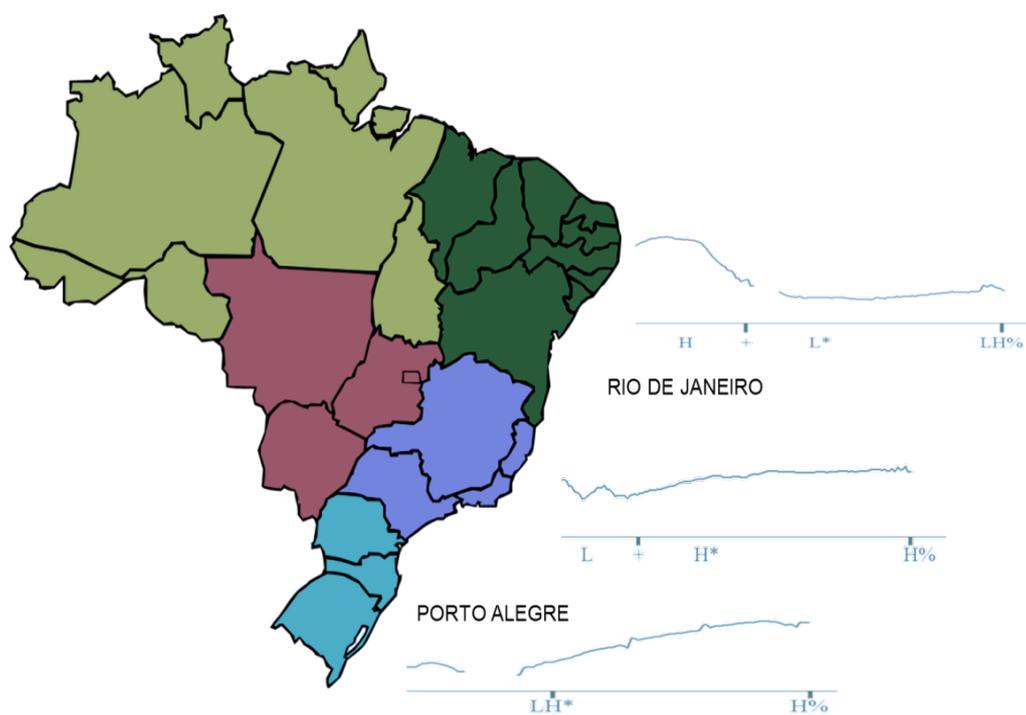
Nossa análise da materialização prosódica de orações adverbiais desgarradas em contraponto à materialização de orações anexadas formalmente à matriz mostrou que, assim como observado por Silvestre (2021) para o Rio de Janeiro, há pistas prosódicas que atuam na caracterização das orações desgarradas em diferentes dialetos do português e que o comportamento da duração nas sílabas finais se revela como elemento comum e importante na verbalização do desgarramento.

Nos dados portalegrenses, além do alongamento das sílabas finais, as orações *desgarradas* também foram majoritariamente caracterizadas por um padrão melódico ascendente no fim do IP (LH*H%), entretanto, cabe mencionar que o mesmo contorno predominante em orações anexadas à matriz (LH*HL%) foi também produtivo em dados de *desgarramento*, o que **pode ser** indicativo de característica regional, já descrita em outros trabalhos (Cunha, 2005; Silvestre, 2012) e que merece ser mais bem investigada.

Diferentemente dos resultados obtidos para o Rio de Janeiro e para Porto Alegre até o momento, em João Pessoa o mesmo padrão melódico foi predominante em todas as estruturas –anexadas à matriz e desgarradas–, o que se assemelha ao que Silvestre (2021) descreveu para dados do Português Europeu e o que dá consistência à hipótese de que características regionais são observadas também em dados de *desgarramento*, mesmo sendo uma estrutura sintática tão específica. Além disso, a predominância de tons descendentes no início do IP (H+L*) e a pequena subida melódica consistentemente observada na última sílaba pós-tônica dos enunciados proferidos pelas informantes pessoenses se alinham a observações já feitas por Lira (2009) e por Silvestre (2012) sobre características entoacionais de dialetos do nordeste do país e se colocam como uma pista importante para a caracterização do falar de João Pessoa.

Os resultados preliminares obtidos até aqui para João Pessoa e para Porto Alegre ajudam-nos a esboçar um mapa sobre a materialização de estruturas desgarradas em dialetos do PB. Tal esboço concentra-se apenas na melodia mínima de tais estruturas – a melodia observada nas sílabas finais do IP –, e nos permite iniciar uma visualização sobre a relação entre sintaxe específica e diferenças prosódicas regionais.

Figura 11– Mapa preliminar da melodia mínima de orações desgarradas em dialetos do PB



Fonte: elaboração própria (2021).

Os resultados preliminares que apresentamos apontam que, ainda que o fenômeno sintático do desgarramento se materialize, em todos os dialetos estudados até o momento, pela necessidade de maior peso fonológico no fim das orações (peso esse majoritariamente concedido pelo alongamento das sílabas finais no fim do IP), as idiossincrasias dos falares brasileiros estão diluídas na prosódia e não parecem ser neutralizadas pela sintaxe específica das desgarradas.

Referências

BOERSRMA e WEENICK, Praat: Doing Phonetics by Computer. 2017. Disponível em: www.praat.org, 2015.

CARDOSO, S. A. M. S. et al. *Atlas linguístico do Brasil*, v. 2. Cartas FP01 e FP02. Londrina: EDUEL, 2014.

CASTELO, J. Entoação dos enunciados declarativos e interrogativas no português do Brasil: uma análise fonológica ao longo da costa atlântica. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2016.

CUNHA, C. S. Entoação regional no português do Brasil. Tese de doutoramento em língua portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 2000.

CUNHA, C. S. Atlas linguístico do Brasil: uma análise das questões de prosódia. In: MOTA, J. A; CARDOSO, S. M. (Org.). Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. 1 ed. Salvador: Editora Quarteto. v.1, p. 187-205, 2005.

DECAT, M. B. N. Por uma abordagem da (in) dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”. *Scripta (Linguística e Filologia)*, v. 2, n. 4, Belo Horizonte: PUC Minas, 1º sem. 1999b, p. 23-38, 1999.

DECAT, M. B. N. Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa. Campinas: Pontes Editora, 2011.

FERNANDES, F. R. Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: LEL/UNICAMP, 2007.

FONSECA, A. A. O efeito do peso dos constituintes prosódicos na desambiguação de orações relativas reduzidas. *ReVEL*, v. 8, n. 15, 2010.

FROTA, S.; VIGÁRIO, M. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In Rui V. Castro e Pilar Barbosa (Ed.). Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, v. 1. Coimbra: APL, p. 533-555, 2000.

FROTA, S., M. CRUZ, F. FERNANDES-SVARTMAN, G. COLLISCHONN, A. FONSECA, C. SERRA, P. OLIVEIRA & M. VIGÁRIO. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In S. Frota & P. Prieto (eds). *Intonation in Romance*. Oxford: Oxford University Press. p. 235-283.

FROTA, S. & MORAES, J. Intonation of European and Brazilian Portuguese. In W. Leo Wetzels, João Costa & Sergio Menuzzi (eds.). In: *The Handbook of Portuguese Linguistics, First Edition*. John Wiley & Sons, Inc., pp. 141-166, 2016.

LADD, R. *Intonational phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008

LIRA, Z. A entoação modal em cinco falares do nordeste brasileiro. Tese de doutoramento em linguística. João Pessoa, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFP, 2009.

MORAES, J.A. The Pitch Accents in Brazilian Portuguese: analysis by synthesis. In: Fourth Conference on Speech Prosody, Campinas. *Proceedings of the Speech Prosody*. Campinas: Unicamp, p. 389-397, 2008.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology: with a new foreword*. Mouton de Guyter: Berlim, 2007

NUNES, V. Análises entoacionais de sentenças declarativas e interrogativas totais nos falares florianopolitano e lageano. Dissertação de mestrado em Linguística. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

PIERREHUMBERT, J. The phonology and phonetics of English intonation. PhD Thesis. Massachussets: M.I.T, 1980.

SERRA, C. R. Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2009.

SILVESTRE, A.P.S. A entoação regional dos enunciados assertivos nos falares das capitais brasileiras. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 2012.

SILVESTRE, A.P.S. “Ai, se eu te pego...”: Aspectos prosódicos de estruturas desgarradas em língua portuguesa. Editora da Abralín, 2021.

TENANI, L.E. Domínios prosódicos do português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: LEL/UNICAMP, 2002.



Data de submissão: 22/12/2022

Data de aceite: 13/03/2023